

ESTRANGEIRISMOS E IDENTIDADE: A QUESTÃO DOS NOMES PRÓPRIOS

Gladis Massini-Cagliari (UNESP/Araraquara; CNPq)

Esta sala temática discute a questão da identidade fonológica, investigando a forma de nomes próprios de origem estrangeira adotados atualmente no Brasil. Estará em foco, principalmente, a maneira como falantes nativos de Português Brasileiro (PB) pronunciam palavras estrangeiras, sobretudo de origem inglesa. Do ponto de vista da identidade fonológica do PB, a questão a ser examinada é a seguinte: pode a pronúncia dos estrangeirismos ser considerada “brasileira”? Em outras palavras, em que consiste a identidade fonológica do PB? Essa “identidade” estende-se à pronúncia dos empréstimos, mesmo recentes? E os prenomes próprios de origem estrangeira adotados no Brasil, podem ser considerados parte dessa identidade, ou seja, “brasileiros”? E as novas criações de prenomes, cunhadas a partir de modelos estrangeiros (por exemplo: Keirrison, Richarlison, etc.)?

Há que se considerar que há diferenças quanto à adaptação de estrangeirismos, se se consideram, por um lado, os nomes comuns e, por outro, os nomes próprios. Em contraste com os nomes comuns, antropônimos de origem estrangeira nem sempre se “enquadram” bem nos parâmetros da fonologia do PB. Muitas vezes, os falantes carregam para o PB traços da pronúncia original do nome, trazendo para o sistema desta língua características que não lhe são comuns, principalmente em termos prosódicos. Neste sentido, o uso de nomes próprios de origem estrangeira constitui-se em um caso em que os limites entre o que é e o que não é português são explorados pelos seus próprios falantes nativos.

Pretende-se, também, discutir as motivações para a adoção de nomes estrangeiros prosodicamente tão “estranhos” ao contexto da prosódia do PB, principalmente ligadas a questões extralingüísticas, de desejo de mudança de *status quo*, ou a questões estilísticas (caráter “diferente”, “exótico” dessas palavras).